



MUNICÍPIO DE BARCELOS BIBLIOTECA

O Eco de Lijó

DIRECTOR: António Duarte Senra
COADJUTOR: José Gomes Barbosa
PROPRIEDADE, REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E IMPRESSÃO:
Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Lijó



MENSAL/ANO 5º./Nº.47/SETEMBRO 1984/ Sede: MONTE-LIJÓ - 4750 BARCELOS / PERIÓDICO CULTURAL

OS MALDIZENTES E OS FILHOS DA CRISE

CENTRO SOCIAL DE LIJÓ

Se falamos com alguém, logo escutamos as expressões mais variadas que nos dão a entender que "a vida está muito má", que está cara, que se não pode viver; e aqueles que não veem lá na cabecinha a pessoa em quem deitaram o seu voto vêm logo com aquela de que a culpa é daquele senhor número um do partido mais votado. Não falha! Não sabem mesmo quem haveria de ser, mas, se fosse outro, a coisa estava melhor. Lá isso sabem!... O certo é que quando se fala de vida nem sempre an da presente que viver foi sempre difícil, desde que a vida existe, porque a vida é uma modificação contínua da matéria, isto é, daquilo que começa e acaba. Claro que quando da vida falamos simplesmente nos lembramos de nós, daqueles que vivem connosco ou são do nosso conhecimento, uns e outros como sendo seres humanos, e acaso nem pela cabeça nos passa a lembrança de que além dos seres humanos todos os animais e plantas têm vida e muitas vezes uma vida com grande sofrimento: vi das que fazem sofrer, não os espíritos "grosseiros", mas até os medianos sensíveis. Não foi por acaso que se criou a COMISSÃO PROTECTORA DOS ANIMAIS, que hoje até pouco se fala nela, visto que há uns tempos "muito se engrossou"; e também não foi por acaso que se formaram associações dos amigos das plantas, assim como se propaga o pensamento do respeito pelo património histórico, que não é mais nem menos do que o sacrifício materializado de muitos que por este mundo passaram. Nem sequer podemos imaginar o que diriam os animais, as plantas, os monumentos ou as coisas a propósito das suas vidas ou de quem lhes deu origem(!) Não é preciso saber ler, ou conjugar as vinte e três letras do alfabeto para se compreender que a vida tem de ser encarada como uma luta contínua e que aquele que adormece ou se distrai já não está a viver; é ultrapassado pelos acordados. Desde há umas centenas de anos, desde que os reis se tornaram absolutos, os produtos industriais, e até agrícolas,

Por motivo de férias nos meses de Julho, Agosto e mesmo Setembro, foi-nos difícil obter contactos com instituições e pessoas a fim de conseguirmos apoios na aquisição do edifício para o Centro Social de Lijó. Podemos mesmo dizer que agora já encontramos o fio à meada e entramos numa fase evolutiva para a causa em vista. Foi-nos pedido pelo Ministério respectivo um estudo de adaptação do edifício, o qual já foi entregue a um Engenheiro que irá efectuar o Projecto a fim de nos propormos a um subsídio para a aquisição do edifício, que já demos notícia anteriormente.

Entretanto, trazemos ao conhecimento dos nossos sócios e leitores amigos da Associação de que num futuro próximo iremos bater-lhes à porta para colaborarem com dinheiro ou trabalho a fim de levar por diante esta necessária obra que Lijó bem precisa e na qual muito dinheiro vai ser investido. As pessoas de boa vontade que por bem queiram trabalhar na angariação de fundos devem contactar o director deste mensário e oferecer os seus préstimos que serão registados e na altura própria ser-lhes-á solicitada a colaboração. Esperamos a boa vontade de todos, porque a obra pertence a todos e todos estão bem certos de que é aos presentes activos que cumpre preparar o futuro de todos.

S.

"COISAS DO ARCO DA VELHA"

Cada terra tem a sua história e muitos dos seus habitantes gostam de a saber, e conhecer até a maneira de proceder dos seus habitantes. Chamamos a isto curiosidade ou até consciência física, mesmo instinto de defesa. Foi assim que aquela equipa auto-nomeada da assembleia para se certificar dos trabalhos executados pela junta de freguesia anterior, ao mexer nos papéis, encontrou lançados no arquivo de contas duzentos e cinquenta blocos de cimento destinados a uma propriedade junto à freguesia da Silva. Elementos da referida equipa andaram por aquele sítio a procurar, a procurar; mas sem nunca nada encontrar. Como, quando assim estas "coisas" acontecem, há muito quem diga que são coisas do diabo para causar arrelias, ou do "arco de velha".

... cont. na 2ª.página...

"COISAS DO ARCO DA VELHA"

cont. da pág. anterior

Com um bocado de paciência, porque também há quem acredite que "O Senhor Diabo para arreliar e se rir põe a mãozinha a tapar e o rabo a descobrir", foram "perguntando".

Conversando com uma senhora que mora ali perto, informou-os que "os de Lijó andaram ali a fazer uma parede de blocos, mas que não seriam muito mais de um cento. Mas depois os da Silva desfizeram essa parede e fizeram uma outra de pedra, porque essa parede estava na freguesia da Silva." É caso para estranhar que os de Lijó não conheçam as extremas... É dá mesmo vontade de cantar aquela cantiguinha do Futebol de há bastantes anos e que dizia assim: "No Porto anda tudo torto. Assim será(?) Por Lisboa tudo à toa(!). Pior por cá! Pior por cá!....."

Um leitor C.

OUTROS FEITORES DE LIJÓ

Depois de firmadas as principais famílias nas terras de Lijó, com a possibilidade de viverem dos próprios recursos, é natural que aparecessem outras pessoas interessadas em assentarem por aqui residência, quer construindo pequenas habitações, que muitas vezes eram de madeira, quer assentando arraiais junto às vias de passagem. Um viviam do trabalho em utensílios que se gastavam na lavoura, tais como carros de bois, ou simplesmente só os rodeiros, como aconteceu no lugar do Monte com o chamado Cheque; outros exploravam o negócio ou comércio de mercearia e taberna. Assim, pelo que ouvimos, apareceu o negócio da Ribeira, dos Romões; também por aqui outras famílias que cultivando pequenos tratos de terra prestavam serviços aos agricultores, quer na terra quer como artistas de paredes, cobertura de casas, telhadores e retelhadores, que hoje têm o nome vulgar de trolhas. Ao falarmos do comércio dos Romões na Ribeira, disseram-nos que quando foi aberta a estrada da Silva o caminho da Ribeira perdeu o movimento e então o negócio passou para o lugar do Calvário; mas que neste lugar não prosperou, porque os passageiros que iam e vinham em direcção à Galiza passaram a utilizar a nova estrada, além de outras. Ali muito perto, no lugar da Igreja existiu outra casa de comércio em edifício mais elegante, chamado a Venda do Costa Maia: Este não só foi comerciante -dos comerciantes sérios- como foi Regedor da Freguesia muitos anos. Ser regedor naquele tempo era uma honra, porque representava o Governo na freguesia, através do administrador, no concelho, e consequentemente do Governador Civil, no distrito. Com

o tempo o Regedor foi perdendo o prestígio, ora pela decadência das próprias virtudes, ora pela acção de novas autoridades, tais como a GNR, Oficiais de justiça, etc. No decorrer dos anos apareceram outros negócios onde predominava principalmente a venda de vinho a copo e aguardente a cálice, lumes de "espera galego", cordas de viola, tabaco em pacotes e cigarros, "mortalhas para embrulhar o tabaco em cigarros, linhas e agulhas, e colchetes. É já que falamos em agulhas e linhas é bom recordar que as roupas eram muitas vezes tão remendadas que chegava-se a não saber de que pano teriam sido feitas. Quanto à categoria de regedor essa desapareceu há poucos anos por desnecessária; e aproveitamos de pensar que foi medida bem tomada, porque nestes tempos em que o comportamento de moralidade quase desapareceu, tal lugar dava ensejo a que se produzissem umas vaidades "fofinhas" e até vinganczinhas, próprias de quem teve uma educação deficiente... Claro que um Regedor não podia ser um homem que passasse as noites a beber e a jogar as cartas nos tais negócios de miudezas: Ele seria uma entidade abstinente, de virtude, que sondaria os defeitos das gentes da terra com o fim do aperfeiçoamento das pessoas e das famílias. Hoje os tempos mudaram e poucas são as tascas que albergam bêbados e "ratazanas de capoeira" até altas horas da noite. E como os tempos são de progresso, ainda esperamos ver-lhes o fim...

G.

QUADRA DO POETA ALEIXO

Dizeis que o mundo vai mal,
que vai de mal a pior.
E, afinal, nada fazemos,
para que seja melhor.

PROVÉRBIO CHINÊS

Se queres o futuro garantido por um ano, semeia trigo. (naquele tempo não havia milho)

Se pretendes viver dez anos, planta árvore. (colhes dez vezes)

Se desejas viver em progresso, tu e os teus, prepara, instrui, educa, as gentes... É é por isso que se está sempre a pedir: "Não se esqueçam da Escola"!.....

PARQUE DESPORTIVO DE LIJÓ,CONTINUA POR PAGAR

...cont. do número anterior...

Finalmente, parece-nos que a Junta de Freguesia de Lijó tomou as medidas que já há muito deviam ser tomadas, quanto ao Parque Desportivo de Lijó. É verdade existir um Protocolo que não passa de simples palavras escritas, mas que na prática não foi cumprido, porque quem lida com coisas que não estão ao seu alcance, não as sabe interpretar, e, sendo assim, o tal protocolo é letra morta na prática.

A Junta de Freguesia chamou a si a organização de ocupação dos tempos livres no recinto desportivo, através de uma carta que enviou no princípio deste mês de Setembro aos dirigentes do Lijó F.C. conforme foi deliberado em sessão da mesma Junta.

Assim, tivemos conhecimento de que agora qualquer grupo desta freguesia que esteja organizado e precise de utilizar o Parque Desportivo de Lijó, deve solicitar por escrito à Junta de Freguesia a cedência nos dias que lhe interessar a fim de que esta inscreva na sua agenda o calendário de utilização do recinto desportivo, para que todos possam livremente usufruir de um direito que a todos pertence e não só a alguns como alguém pertendia.

Para que o Parque Desportivo de Lijó possa acabar de ser pago, terá que forçosamente estar aberto a todos e para todos, dentro de uma certa organização, como é óbvio, e que só a Junta de Freguesia terá essa validade, porque o terreno está em seu nome e será ela a responsável pelo pagamento, necessitando de colaboração, como é natural.

Será melhor dizer que basta de promessas não cumpridas e pôr de lado mesquinhas que-sílias de meninos que se querem mostrar bonitos, mas ao armar-se em detractores enquiçados dá a entender que, a continuar assim, se fica com a impressão de que sofrem de crónica paranoia. Mesmo que assim seja ficamos convictos de que o tempo trará o reconhecimento da razão.

A.

=====

PONTOS NOS i i i i !

A carta enviada aos dirigentes do Lijó F.C., referente à acta da Junta de Freguesia não pôde ser desta vez publicada na íntegra por ser extensa para este jornal, mas daremos um resumo do que a mesma refere:

1-" Havendo-se verificado total desrespeito pelo acordo escrito entre a Junta anterior e a Direcção do Lijó Futebol Clube que foi naquela data, e não tendo o L.F.C. contribuído para desfazer a dívida que a Junta suporta, notando-se até negligência na resolução dos compromissos;

2.- Tendo os encabeçados no grupo desportivo do Lijó F.C. prometido até ao fim do mês de Agosto entregar 200 contos, o que em grande parte seria para pagar os juros do capital em dívida, promessa que não foi cumprida

3.- A Junta tomou a resolução de romper o tal acordo escrito feito pela Junta anterior e a Direcção do L.F.C. daquele tempo e chamar a sua responsabilidade a administração do Parque Desportivo;

4.- Para não prejudicar os exercícios do desporto, a mesma Junta requere à Direcção actual do L.F.C. uma cópia do possível mapa de actividades programadas, a fim de as conciliar com exercícios doutros grupos desportivos."

NOTA: Parece razoável a tomada de posição da Junta, tanto pela responsabilidade que tem da dívida, como por ser a proprietária do Parque, em virtude das pessoas agora em actividade não serem as mesmas que fizeram o acordo e os compromissos não terem sido satisfeitos. É com a colaboração de todos, unidos, venceremos !

LEGISLAÇÃO

Embora sejamos uma terra de ribeiros, ribeira e ribeirinhas, as águas não abundam, pelo que às vezes as pessoas as requerem entre si: Parece-nos, por isso, útil passar a escrito, pelo menos parte, de dois artigos mencionados no C.Cv. de entre vários que o mesmo Código Civil refere:

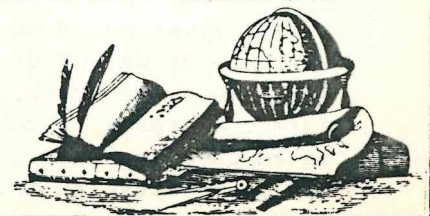
Artigo nº.1387º.-1: São ainda particulares: a) os poços, galerias, canais, levadas, anuedutos, reservatórios, albufeiras e as demais obras destinadas à captação, derivação ou armazenamento de águas públicas ou particulares:

b)-o leito ou álveo das correntes não navegáveis nem flutuáveis que atravessem terrenos particulares (são particulares).

2:- Entende-se por leito ou álveo a porção de terreno que a água cobre sem transbordar para o solo habitualmente enxuto.

3-.Quando a corrente passa entre dois prédios pertence a cada proprietário (prédios particulares, é claro) o trato de terreno ou leito compreendido entre a linha marginal e a linha média do leito ou álveo.

Artigo 1328: Pertence aos donos dos terrenos confinantes com quaisquer correntes de águas tudo o que por acção das águas neles for depositado sucessiva e imperceptivelmente, etc.



OS MALDIZENTES E OS FILHOS DA CRISE

...cont.da 1ª.página...

começaram a transitar entre fronteiras: Os povos que deixaram a simples vida agrícola ou piscatória, que lhes sustentava a existência, passaram a contar com a protecção dos governos, tal como antes os escravos ou trabalhadores contavam com a protecção do senhor que lhes dava trabalho e os acolhia. Os tempos foram rodando e o número de trabalhadores nas indústrias aumentou, de tal maneira que estes se reuniram para conseguirem que a sua vida se tornasse menos explorada pelos reis e capitalistas. Foi assim que se criaram os sindicatos. Porém os senhores do capital e os reis, souberam tornar os representantes dos trabalhadores, ou sindicatos tão frouxos que os tratados entre senhores e operários não eram respeitados. Foi deste modo que apareceram as greves, que prejudicando a vida económica dos capitalistas paralisam a vida normal das outras actividades e portanto da nação, o que preocupa os governos, levando-os a intervir e a conceder novas leis para benefícios dos trabalhadores explorados. Nos tempos actuais em que quase todo o mundo se tornou trabalhador e em que quase todos os governos intervêm nos negócios de fronteira, habituamo-nos a contar com o governo para tudo: Já não são os operários que reclamam os seus direitos de trabalhadores por meio dos seus representantes, mas muitos dos que não trabalham e passam a vida pelos lugares de comer, beber e "tomar", que enchem a boca de trabalhadores e, por tudo e por nada, tudo quanto desagrada às pessoas dizem logo que a culpa é do governo. Do governo, mas daquele que está lá longe, em Lisboa, esquecendo-se que quando cada um deitou o seu voto lá na caixinha, o primeiro governo que escolheu foi o da sua terra, da sua freguesia, do seu concelho... É se são estes senhores cá de perto que se propuseram representar o povo da sua freguesia ou do concelho deve ser a estes que se deve culpar, bater-lhes à porta, não os deixar dormir, porque são esses, que sabem ou devem saber das necessidades das famílias nos lugares, nas freguesias, no concelho. Será desta ordenação de representantes do Povo que deve resultar a vida ordenada dos seus habitantes. É que dizer mal do governo pouco adianta, porque aquele que não ouve ou deixa ficar lá um secretário(a), enquanto o chefe, saturado de tanto ou vir dizer mal, vai cuidar de assuntos que dizem respeito à organização mundial de que hoje todos os estados dependem. Para nós portugueses viver mal é quase uma tradição. Basta lembrar-nos de que o pão que a Rainha Stª. Isabel levava escondido, por milagre, se transformou em rosas, o que é uma prova de que mesmo em casa do Rei D. Dinis havia pouco, pois que se houvesse muito, certamente, não se preocupava com o que a Rainha dava a quem o não

tinha. Por outro lado ir pedir à casa do Rei-Lavrador dá-nos logo a ideia de que havia mesmo pobres, porque, se não, cada qual se havia de governar pelas terras onde vivia. Foi mesmo a falta de meios que levou os portugueses às descobertas do mundo; mesmo há poucos anos foi a necessidade que encaminhou os emigrantes à procura do que por aqui não encontraram. Só que o mundo vai ficando pequeno para continuar a vida que nos é tradição: Lemos há dias que nas ruas de Paris calcureiam oito mil pessoas à procura de uma cama; e está provado que a terra onde muitos dos nossos trabalham para melhorar as suas condições de vida têm de suportar mais de dois milhões de desempregados; ali mesmo em Paris voltou a funcionar a Sopa dos Pobres que diariamente distribui mais de mil sopas de graça, o que há mais de vinte anos que não funcionava. Os desempregados ou novos pobres vindos de várias indústrias em transformação, ou de pequenos agricultores são os filhos da crise. É esta crise que todos os governos tentam minimizar. É uma crise de que ninguém quer ser culpado. Mas também é uma crise de que todos somos culpados. Todo ser vivo consome coisas. Crianças e doentes não podem trabalhar. Precisam de suporte. Mas quem pode deve trabalhar; e o trabalho deve ser dividido por todos, cada qual com as suas possibilidades e aptidões. Os que tiram o tempo a quem quer trabalhar ou lhes buscam directa ou indirectamente o produto do trabalho devem ser afastados. É assim que a ministra dos Assuntos Sociais franceses -Georgina Dufoux- diz que resolver a crise diz respeito a toda a gente; e o Episcopado apela para que sejam encontradas novas formas de colaboração. Serão bastante esperados -pensamos- os que compreenderem que a resolução da crise está em cada um trabalhar para que depois da crise não venha a miséria, e a seguir o desespero que conduz à guerra entre as pessoas. Que nos sirvam de exemplo outros povos já martirizados!...

C.

Nota redactorial: às vezes por falta de espaço, até nos esquecemos de dar o número dos exemplares editados no mês anterior, como aconteceu nos dois últimos, e também como manda a Lei. Porém, informamos de que a nossa publicação mensal todos os meses é de 500 exemplares. Quando este número diminuir ou aumentar, então faremos a respectiva anotação na altura própria. Assim, enquanto o jornal tiver esta dimensão será melhor aproveitado, porque todo o espaço é pequeno para aquilo que temos.